

O insuportável do dispositivo de sexualidade em Foucault: a resistência reversa de mulheres assassinas

The unbearable of the sexuality device in Foucault:
the reverse resistance of killer women

Giovana Carmo Temple

<https://orcid.org/0000-0001-9881-5440> – E-mail: giovanatemple@gmail.com

Regiane Lorenzetti Collares

<https://orcid.org/0000-0002-3066-1163> – E-mail: regiane.collares@ufca.edu.br

RESUMO

Este artigo pretende, em linhas gerais, abordar o caráter insuportável do dispositivo de sexualidade tratado por Michel Foucault, principalmente, no que se refere à saturação dos corpos das mulheres. Com esse objetivo, analisaremos os traços desse dispositivo nas vidas de Henriette Cornier, uma jovem que no ano de 1825, em Paris, decapitou uma criança de dezenove meses sem dar nenhuma razão, e Elize Matsunaga, mulher que em 2012, em São Paulo, atirou no marido e depois o esquartejou. Apesar dos quase duzentos anos entre um crime e outro, tais casos indicam a incidência de uma implantação perversa de discursos que continuam rotulando a existência de muitas mulheres a partir de seus modos de vida. Indica-se daí o empreendimento de um jogo de verdade ainda articulado por uma lógica patriarcal. Um jogo de verdade que continua a sentenciar mulheres dentro e fora dos tribunais, saturando seus corpos até a irrupção inevitável de formas reversas de resistência.

Palavras-chave: Resistência reversa. Dispositivo de sexualidade. Mulher. Assassinato bárbaro.

ABSTRACT

This article aims, in general terms, to address the unbearable of the sexuality device addressed by Michel Foucault, mainly in relation to the saturation of women's bodies. With this objec-

tive, we will analyze the traces of this device in the lives of Henriette Cornier, a young woman who in 1825, in Paris, decapitated a nineteen-month-old child without giving any reason, and Elize Matsunaga, a woman who in 2012, in São Paulo, shot her husband and then dismembered him. Despite the almost two hundred years between one crime and the other, these cases indicate the incidence of a perverse implantation of discourses that continue to label the lives of many women based on their lifestyles. This indicates the undertaking of a game of truth still articulated by a patriarchal logic. A game of truth that continues to sentence women inside and outside the courts, saturating their bodies until the inevitable irruption of reverse forms of resistance.

Keywords: Reverse resistance. Sexuality device. Woman. Barbaric murder.

Atira, sua fraca! Atira! Sua vagabunda! Você nunca mais irávê-la. Acha que algum juiz dará a guarda a uma puta? (Relato de Elize Matsunaga sobre a discussão que tivera com seu marido envolvendo a guarda da filha, momentos antes de apertar o gatilho)

Eles pensam que a maré vai, mas nunca volta. Até agora eles estavam comandando o meu destino e eu fui, fui, fui, fui recuando, recolhendo fúrias. Hoje eu sou onda solta e tão forte quanto eles me imaginam fraca. Quando eles virem invertida a correnteza, quero saber se eles resistem à surpresa, quero ver como eles reagem à ressaca (BUARQUE; PONTES).

Introdução

Passados quase 50 anos da publicação do primeiro tomo da *História da Sexualidade*: a vontade de saber (1976), o dispositivo da sexualidade, devidamente abordado no capítulo IV desta obra, indica trazer ainda hoje em destaque artimanhas ligadas a relações de poder e saberes que não apenas incitam a uma discursividade sobre o sexo, mas regulam nossas condutas e nosso organismo biológico. Sendo assim, em “a vontade de saber” o dispositivo de sexualidade é tratado no contexto da articulação de uma engrenagem (bio)política implicada na otimização da vida individual e da espécie humana. Surgida na Modernidade e acentuando-se a partir do século XIX, essa engrenagem (sexual) biopolítica, responsável por fazer funcionar a maquinaria do “dispositivo de sexualidade”, passa a ser operada em um conjunto heterogêneo de práticas e saberes, de ditos e não-ditos, mobilizando-nos por “inteiro” – com nosso corpo, nossa história, nossos desejos e prazeres – a “trabalhar” em seu favor. Sujeitando-nos também por um alto preço (político, econômico, ético, libidinal...) a uma dinâmica que nos seduziria pela chance de alcançarmos nossa própria liberação, nossas melhores chances de vida e até mesmo a felicidade¹.

Sob o impuxo da sexualidade, não deixa de se evidenciar, então, o caráter paradoxal de “técnicas móveis, polimorfas e conjecturais” (FOUCAULT, 2010, p. 117) do bio-poder; seja, por um lado, quando tais técnicas se compõem “satisfatoriamente” aos desejos e prazeres, seja, por outro lado, quando limitam, categorizam, maltratam e, em alguns casos, até minam as chances de vida de muitas existências. E talvez esteja aí o aspecto mais perverso do dispositivo de sexua-

¹ Sobre a incitação à felicidade que compõe as tecnologias biopolíticas contemporâneas, ver o capítulo “Quem pode ser feliz na Biopolítica?”, de Giovana Carmo Temple (*in* COLLARES et. al., 2024).

lidade, de sua implantação historicamente perversa², sobretudo no que diz respeito a uma intervenção insistente diante da variação polimórfica de corpos sexuais.

Não obstante à evidência desse aspecto amplificado e paradoxal do dispositivo de sexualidade, no que diz respeito não apenas à vida como à morte – “o sexo bem vale a morte” (FOUCAULT, 2010, p. 170) –, Foucault indica reconhecer as armadilhas e disparates de um dispositivo também empenhado na produção e regulação dos corpos sexuais de mulheres: corpos instrumentais com funções capitais dentro da família e no contexto geral da população. Desse modo, a despeito de Foucault nunca ter tratado da sexualidade em termos de gênero, a mulher surge, a partir da Modernidade, como um corpo fundamental que serviria de apoio para as mais variadas regulações políticas. Embora Foucault não afirme, pelo menos não nestes termos, que as sociedades patriarcais se sustentam por um discurso de verdade produzido pelo gênero masculino, parece ser inescapável que ele viesse a se deparar com esta perspectiva a partir dos dispositivos de exercício do poder e do saber que operam a exclusão de corpos desviantes. Dentre estes múltiplos corpos, há uma atenção especial ao das mulheres. Ao lado dos loucos, dos drogados, dos infames, dos anormais, dos delinquentes, dos homossexuais, das hermafroditas, a “mulher” surge então como uma figura importante de intervenção, investimentos e controle pelas relações de poder e saber.

Frente aos usos dos seus corpos e prazeres, tanto pelo dispositivo de aliança na sociedade vitoriana quanto pelo dispositivo de sexualidade operante até os dias atuais, não passou despercebido ao olhar de Foucault a constituição de discursos e práticas que acentuaram e marcaram as vidas desviantes das mulheres ao associá-las à anormalidade sexual e ao peso da difamação e condenação moral. Assim, os dispositivos modernos de aliança e de sexualidade tratados no primeiro volume da *História da Sexualidade*, quando se ligam às mulheres, figuram também como os motores das restrições sociais, da contenção do movimento de seus corpos e de seus prazeres, do encobrimento de suas vidas por sentenças e diagnósticos. Como também por tratamentos que se ergueram historicamente na esteira das ciências sexuais (*scientia sexualis*) modernas para educá-las, controlá-las, orientá-las e, no limite, quando elas não se dobram a qualquer enquadramento normativo, excluí-las.

Neste texto nossa atenção se volta, assim, para as mulheres assassinas e para a produção de discursos e diagnósticos daquelas que no “seio” da família, como mães e esposas, cometeram atitudes extremas e irreparáveis, rompendo irreversivelmente seus elos mais incômodos de parentesco e de sociabilidade. Nos deteremos aqui nos crimes cometidos por duas mulheres: Herniette Cornier e Elize Matsunaga. A primeira, com 27 anos, tinha um árduo trabalho como empregada doméstica, servindo a muitas famílias de Paris no começo do século XIX. Subitamente, em 4 de novembro de 1825, mata e decapita a pequena Fanny, uma criança de 19 meses de idade que estava aos seus cuidados³. Foucault (2013, p. 96) ressalta, no curso *Os anormais* (1975), a explicação dada pela própria Cornier sobre as motivações do seu crime. Pergunta-se a ela: “Por quê?” Ela apenas responde: ‘Acometeu-me uma ideia’ (*C'est une idée qui m'a pris!*)”.

Henriette Cornier foi um caso que promoveu, explica Foucault (2013, p. 96), embaraço e escândalo. O desafio que esse assassinato colocou, dentro do novo sistema penal que se desenhava na época, foi o de vincular o crime a uma personalidade e intencionalidade criminosas.

² Sobre a implantação perversa, Foucault diretamente afirma: “é um efeito-instrumento: é através do isolamento, da intensificação e da consolidação das sexualidades periféricas que as relações do poder com o sexo e o prazer se ramificam e multiplicam, medem o corpo e penetram nas condutas. E, nesse avanço dos poderes, fixam-se sexualidades disseminadas, rotuladas segundo uma idade, um lugar, um gosto, um tipo de prática” (FOUCAULT, 2010, p. 56).

³ Sobre o crime de Henriette Cornier, ver o relato do caso no Youtube: Henriette Cornier, 1825 - Un bébé en deux morceaux. Acesso em: 10 jan. 2025.

Para tanto, surgiu a necessidade de desvendar as motivações que levaram Cornier a praticar o infanticídio, aparentemente “sem razão” (FOUCAULT, 2013, p. 98). Foi aventada a possibilidade de ela ter sido amante do pai da menina assassinada e, portanto, ter matado por vingança dele ou, ainda, de Cornier ter assassinado a indefesa porque sentia inveja de uma família que vivia tão feliz ao seu lado, já que ela mesma teve que abandonar seus próprios filhos após o término do seu casamento (FOUCAULT, *DEV*, p. 12).

Já Elize, em 2012, cometeu um crime de grande repercussão no Brasil; matou o marido com um tiro e o esquartejou, desovando as partes do seu corpo em um matagal. Quando perguntada sobre as motivações desse assassinato bárbaro, ela responde: “Que tipo de emoção me fez apertar o gatilho? Eu estava sentindo raiva dele, estava com medo e aliviada por não estar louca”⁴. Segundo o jornalista e biógrafo Ulisses Campbell, o marido que ela matou “era um homem extremamente violento, não só com ela, mas com outras mulheres”⁵. No manuscrito do livro “Piquenique no Inferno”⁶, a própria Elize escreve para sua filha relatando suas motivações para o crime e afirma ter atirado contra seu marido para se defender, em razão das agressões que sofria e por ser reiteradamente chamada por ele de “vagabunda”. No entanto, o sistema jurídico e psiquiatras encontraram a racionalidade do crime por outros discursos de verdade. No julgamento de Elize, traços de sua personalidade e de sua vida pregressa como garota de programa acabaram tendo um peso relevante em sua condenação.

Nesse sentido, no contexto desses assassinatos praticados por mulheres, pretendemos tratar do dispositivo de sexualidade, especialmente no ponto em que Henriette e Elize sucumbiram, quando uma gota d’água foi capaz de fazer irromper algo de um insuportável familiar até então contido, destacando-se, assim, um modo de resistência reversa ao fel secular engolido por gerações de mulheres em muitos dos nossos mais tradicionais e “doces” lares.

A parte amarga do doce

Em *Vigar e Punir*, como sabemos, Foucault dedica um capítulo à docilização dos corpos. Das análises desse capítulo, questionamos: sobre qual corpo interessava, a partir da Modernidade, fazer operar um conjunto estratégico dedicado à sua docilização? Como mostra Foucault, a penalidade sem castigos corporais que marca o século XVIII, conduzida por juristas, reformadores da moral, pedagogos, psicólogos, teria por objetivo “corrigir, reeducar, ‘curar’” (FOUCAULT, 2008, p. 13) sem ferir, aliás, como se isso fosse possível. Noutras palavras, o objetivo do aparecimento de tecnologias de penalização, correção, educação de vidas insubmissas e desviantes da norma, foi tornar determinados corpos manejáveis, dóceis, produtivos e reeducados, e não simplesmente lhes infringir sofrimento físico.

Desse modo, todo o processo de docilização disciplinar, enquanto estratégia da nova economia do poder punitivo da modernidade, não teve como propósito apenas conter os corpos, destaca Foucault. Mas “trabalhá-lo detalhadamente; exercendo sobre ele uma coerção

⁴ Reportagem do Blog Acervo, Jornal O Globo. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/blogs/blog-do-acervo/post/2023/02/elize-matsunaga-o-crime-e-o-castigo-da-mulher-que-matou-e-esquartejou-o-marido.ghtml>. Acesso em: 12 jan. 25.

⁵ Entrevista na CNN Brasil com o jornalista Ulisses Campbell sobre o caso Elize Matsunaga, em 18/09/2024. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/publico-coloca-elize-matsunaga-como-vitima-do-contexto-em-que-estava-inserida-diz-ulisses-campbell/>. Acesso em: 12 jan. 2025. Ver também: Ribeiro (2024). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FqnrfqTqTFQ>. Acesso em: 12 jan. 25.

⁶ Reportagem sobre o caso Elize Matsunaga, por Kleber Tomaz, Viviane Mateus, Fernanda Berlinck e Marih Oliveira. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2022/05/19/apos-10-anos-elize-matsunaga-escreve-piquenique-no-inferno-para-contar-a-filha-sua-vida-e-como-matou-marido-para-se-protoger.ghtml>. Acesso em: 12 jan. 25.

sem folga, mantendo-o ao nível mesmo da “Mecânica – movimentos, gestos, atitude, rapidez: poder infinitesimal sobre o corpo ativo” (FOUCAULT, 2008, p. 118). A intervenção disciplinar que se faz ainda hoje sobre o corpo, suas forças, a sua forma, o seu funcionamento biológico, é exercida de forma “ininterrupta, constante, que vela mais sobre os processos da atividade do que sobre seu resultado e se exerce de acordo com uma codificação que esquadra ao máximo o tempo, o espaço, os movimentos” (FOUCAULT, 2008, p. 118).

Quando Foucault explicita as estratégias do dispositivo de sexualidade, que também conserva seu aspecto disciplinar, quase todos os seus “pontos de fixação” se encontram justamente no corpo produtivo e reprodutivo das mulheres: nas taxas de natalidade, na idade do casamento, nos nascimentos “legítimos”, nas técnicas para tornar o corpo fecundo ou estéril, na incidência de práticas contraceptivas, na regularidade das relações sexuais dentro do casamento etc.

É, por conseguinte, nesse panorama que despontam as mulheres controladas e categorizadas no âmbito da *scientia sexualis*; não deixa de aparecer em “a vontade de saber” a menção às mulheres consideradas histéricas, neurastênicas, nervosas, fríidas, mães indiferentes, assediadas por obsessões homicidas. São, portanto, tais categorias taxonômicas que passam a definir-las quando suas vidas desviantes ou insubmissas são lançadas aos médicos, psiquiatras, padres, pastores e todos “os especialistas possíveis” para o longo tratamento de sua sexualidade anormal. Coagidas, retraídas, docilizadas e disciplinadas por mecanismos de poder – inclusive operacionalizados dentro do recinto familiar – muitas mulheres acabaram se sujeitando e se adaptando a jornadas exaustivas de trabalho doméstico, justamente por acreditarem contribuir, a partir da eficiência cuidadora de seu corpo, com a felicidade do lar.

No entanto, uma vez fora do espectro desse doce lar, foi a “mulher ociosa”, “nos limites do mundo” (FOUCAULT, 2010, p. 132), às margens do contexto familiar, que talvez tenha percebido com mais crueza o alto preço de viver em desacordo com as regulações da família. Ao seu corpo, como objeto clandestino de consumo sexual no século XIX, vem a ser atribuído uma desvalorização moral, como um baixo valor de mercado e uma gama de categorizações patológicas: as prostitutas eram vistas nesta época não apenas socialmente de forma inferiorizada, mas como mulheres delinquentes e degeneradas.

No livro *A mulher delinquente: a prostituta e a mulher normal* (1893), de Cesare Lombroso e Guglielmo Ferrero, os cientistas italianos expõem na parte três dessa obra o detalhamento de uma “anatomia patológica e antropometria da mulher criminosa e da prostituta”, propondo uma fundamentação científica e uma catalogação (com fotos) que serviria como um manual de consulta para sua identificação. Tal livro surge na esteira da constituição de uma ciência sexual moderna, com a pretensão de ser “uma tábua de salvação contra os sistemas metafísicos e apriorísticos” (LOMBROSO; FERRERO, 2017, p. 255).

No surgimento desses tratados científicos que envolvem corpos sexuais, apresentam-se estudos que investigam a origem biológica degenerada das mulheres desviantes. Nos estudos de Lombroso, por exemplo, quanto às prostitutas, é realizada uma aferição criteriosa da circunferência de seus crânios, medidas que viriam, portanto, fundamentar a condição anatômica de sua “anormalidade” sexual. Ao estudar minuciosamente o corpo de diversas mulheres prostitutas, a antropometria lombrosiana apresenta uma extensa tabulação referente ao seu peso médio e altura, bem como medidas do tórax, pélvis, mão, pescoço, coxa, perna, pés e outras partes do corpo. Diante dessas análises, era possível encontrar inferências “científicas” bizarras — aos nossos olhos de hoje — sobre o pé das prostitutas, que seria “mais curto e mais estreito” do que o das mulheres consideradas “normais” (LOMBROSO; FERRERO, 2017, p. 306), e sobre suas írides, que eram identificadas “mais frequentemente” como escuras (LOMBROSO; FERRERO, 2017, p. 319).

Como comenta Rago, em sua tese *Os prazeres da noite: as prostitutas e códigos da sexualidade feminina em São Paulo*, na esteira dos cientistas modernos

[...] definiu-se a prostituta como “mulher anormal”, “delinquente nata”, proveniente das classes pobres e deslumbrada com as atrações do mundo moderno. Sua debilidade psíquica, associada a uma constituição orgânica deficitária, explicaria em primeiro plano a existência da prática da comercialização sexual do corpo. Assim, as teorias científicas sobre a condição feminina; marcadamente biologizantes, culpabilizaram a mulher pela existência da prostituição (RAGO, 1990, p. 215).

Com a categorização de corpos desviantes em face da normalidade sexual, muitas mulheres foram observadas, medidas, diagnosticadas, invadidas e tratadas de acordo com as premissas da *scientia sexualis* vigentes a partir do século XIX. Seus modos de vida começaram a se tornar reféns de uma dinâmica biopolítica, nutrindo uma economia que se projetou e expandiu por meio da produção de corpos “sadios” que, em oposição aos corpos desviantes, carregam consigo o disciplinamento da retidão moral e do equilíbrio emocional, e, além de tudo, a constituição, por meio das transformações oferecidas pelas cirurgias plásticas e pela indústria farmacêutica, de corpos desejantes e desejáveis.

Sendo assim, em “a vontade de saber”, embora Foucault não trate de mulheres “monstruosas”, infanticidas, como fizera em *Os anormais*, ele aborda, por outro lado, o surgimento de figuras femininas vistas como histéricas. A emergência das histéricas na Modernidade trouxe consigo um olhar e um tratamento minuciosos voltados ao corpo e à sexualidade das mulheres, o que também resultou na sua medicalização e na formulação de uma clínica. Tudo isso foi feito, segundo Foucault (2010, p. 160), “em nome da responsabilidade que elas teriam no que diz respeito à saúde de seus filhos, à solidez da instituição familiar e à salvação da sociedade”.

Nesta perspectiva, cumpre destacar que o início da clínica voltada para histeria, aquela que se deu com Charcot no século XIX, ressaltava, nas suas entrelinhas, que a mulher estaria propícia, no limite, a perder o controle de seu corpo, sendo sua sexualidade considerada aprioristicamente faltosa e problemática. Por isso, a histeria como patologia, como uma disfunção do útero, comenta Sforzini em seu livro *Michel Foucault: um pensar do corpo*, foi por muito tempo “reservada” exclusivamente às mulheres (SFORZINI, 2024, p. 92). O corpo da histérica, um corpo em revolta, surge ao mesmo tempo como “hipócrita e sofredor, dócil e manipulador”, complementa a pesquisadora da noção de corpo no pensamento foucaultiano.

Vale observar que Foucault chega a esboçar na contracapa da primeira edição francesa do volume I da *História da sexualidade* um sumário referente ao seu projeto de abordar a sexualidade em vários planos, sendo um deles dedicado exclusivamente à *mujer, à mãe e à histérica*⁷. Um volume que, se fosse efetivamente escrito, supostamente trataria de um “tríplice processo” já enunciado em “a vontade de saber”, um processo pelo qual o corpo da mulher teria sido “analisado – qualificado e desqualificado – como corpo *saturado de sexualidade*” (FOUCAULT, 2010, p. 115, grifo nosso).

Esse tríplice processo de saturação do corpo da mulher diria sobre: 1. integração do seu corpo ao campo médico como “efeito de uma patologia intrínseca” devido à condição de sua sexualidade problemática; 2. a “comunicação orgânica” do corpo da mulher com o corpo social

⁷ O projeto inicial é anunculado na contracapa da primeira edição francesa e constava de seis volumes. Além de *A vontade de saber*, 2 - *La chair et le corps* (A carne e o corpo), 3 - *La croisade des enfants* (A cruzada das crianças), 4 - *La Femme, la Mère et l'hystérique* (A mulher, a mãe e a histeria), 5 - *Les Pervers* (Os perversos) e 6 - *Populations et races* (Populações e raças) Segundo um dos biógrafos de Foucault, Eribon (1990, p. 255), Foucault já tinha muito material pesquisado e planejava lançar um novo volume a cada três meses.

e o espaço familiar, ressaltando-se a sua função reprodutiva, como sua “capacidade” de bem cuidar tanto da manutenção da casa quanto da família e, por último; 3. uma espécie de constituição social da imagem valorada da figura da mãe que, por uma delegação de responsabilidade “biológico-moral”, saberia cuidar e amar os filhos incondicionalmente. Por isso, para Foucault (2010, p. 115), a constituição da imagem da “mãe” em negativo, como “mulher nervosa”, teria se tornado responsável, no contexto do dispositivo de sexualidade, por ser “a imagem mais visível de sua histerização”.

Mesmo sem se prolongar ou aprofundar nas discussões relacionadas aos efeitos do dispositivo da sexualidade no corpo feminino no contexto de sua pesquisa sobre a *História da Sexualidade*, mesmo não trazendo para sua discussão as pautas das lutas políticas feministas de sua época, mesmo assim, consideramos que isso não significa dizer que Foucault tenha negligenciado as interferências desse dispositivo nos corpos sexuais, principalmente, no que diz respeito às intervenções e efeitos deletérios na vida das mulheres, na produção doméstica tanto de seu mel quanto do seu fel.

Resistência reversa: a irrupção fatal de Henriette Cornier e Elize Matsunaga

Se alguns assassinatos são cometidos dentro de uma atmosfera familiar, e uma mulher “descontrolada” surge onde todos viam uma mulher “tranquila”, não é apenas com um desatino momentâneo, um surto, que nos deparamos ou, ao contrário, com atitudes premeditadas de uma personalidade criminosa. Muitas vezes o que irrompe nas atitudes de mães, cuidadoras, filhas ou esposas que matam indica dizer de um modo “reverso” de resistir ao poder, surge de um modo de resistência ao que não se suporta mais das dinâmicas de poder voltadas a blindar e preservar o “crystal” da família às custas de maltratá-las.

Não consideramos despropositado o fato de no primeiro volume da *História da Sexualidade* Foucault abordar o assunto da resistência às dinâmicas de poder. Quanto aos efeitos devastadores do dispositivo de sexualidade, ele afirma que não há uma única forma de resistir ou a melhor forma de resistir. Aliás, Foucault se limita a dizer aí que existem modos variados de resistência, e que muitas vezes independem de nossa escolha. Nem sempre as atitudes resistentes se dão da melhor forma. Inclusive, há resistências que podem surgir como “subprodutos”, como uma “marca em negativo”, como “oposição à dominação essencial, um reverso inteiramente passivo, fadado à infinita derrota” (FOUCAULT, 2010, p. 106).

Portanto, a resistência ao poder pode se operar de variadas maneiras que são distribuídas irregularmente em dado lugar, se propagando “com mais ou menos densidade no espaço” (FOUCAULT, 2010, p. 106). Muitas vezes a resistência surge “inflamando certos pontos do corpo, certos momentos da vida, certos tipos de comportamento” (FOUCAULT, 2010, p. 106). Já, noutras vezes, sendo inclusive “mais comum”, os pontos de resistência destacados por Foucault vêm a ser móveis e transitórios, introduzindo nas sociedades algo que provoca uma quebra, uma clivagem, na medida em que “rompem unidades e suscitam reagrupamento, percorrem o próprio indivíduo, recortando-os e remodelando, traçando neles, em seus corpos e almas, regiões irreductíveis” (FOUCAULT, 2010, p. 107).

Seja de que modo for, a atenção de Foucault às resistências reversas nos mostra como a face perversa do poder funcionaria em um dado lugar e situação, provocando marcas “em negativo” em determinados corpos. Ora, quando se trata dos corpos docilizados da mulher, da mulher-mãe e mulher-esposa, o poder indica funcionar também os pressionando e objetifi-

cando. Há a funcionalização e otimização das energias das mulheres para continuamente trabalharem para e pela família; confiscando seu tempo livre, controlando seus hormônios, regulando seus prazeres, suas horas de sono, de descanso etc. Pode-se observar que nas obras de Foucault não deixam de aparecer situações de mulheres que como mães (ou exercendo a função de mãe) irromperam/resistiram em atos extremados contra filhos ou crianças que "em tese" deveriam cuidar com todo amor.

No curso *Os anormais* (1975), por exemplo, encontramos, além do caso de Henriette Cornier, a história de Sélestat, a mulher que comete filicídio devido a uma época de fome, cozinhando partes do corpo de sua filha com repolho. Ou, ainda, no texto *A evolução da noção de "Indivíduo perigoso"* (1978), vemos a referência ao caso de Catherine Ziegler: da primeira vez, ela mata seu filho bastardo, alega "uma força irresistível" e neste momento é considerada louca. Foi absolvida. Depois de dez meses nasce seu filho biológico (FOUCAULT, DE V, 2017, p. 3-4), ela o mata também. No julgamento, ela diz que engravidou para poder matar o bebê. Dessa vez, ela é condenada à morte pelo tribunal.

Dentre esses casos de mulheres que mataram crianças ou os próprios filhos, todos crimes de grande repercussão e comoção, Foucault se concentra no caso embarracoso de Cornier em seu curso no Collège de France de 1975, tratando-o com mais detalhamento na aula do dia 05 de fevereiro.

Vejamos, segundo relatos de Henriette e das pessoas próximas, como tudo aconteceu⁸: no dia 4 de novembro de 1825, em Paris, a jovem Henriette Cornier sai para comprar queijo na loja da sua vizinha, Sra. Belon. Henriette já está decidida a matar a filha da vizinha de apenas dezenove meses, Fanny, e assim convence a mãe a deixar levar a criança para sua casa com a desculpa de cuidar dela por um tempinho. Ao entrar em casa com Fanny, Henriette vai rapidamente à cozinha e pega um facão, seguindo com a criança para o quarto. Lá, coloca Fanny de costas na cama, corta sua cabeça e fica cerca de quinze minutos olhando fixamente para o pequeno cadáver que se esvaiá em sangue.

O corpo permanece na cama, o sangue continua escorrendo dentro de um penico e a cabeça é deixada no parapeito da janela. Duas horas depois, notando a demora de Henriette em trazer a sua filha de volta, Sra. Belon vai à casa da vizinha prestativa. Bate à porta, não tem resposta. Ela resolve, então, entrar e quando pergunta sobre Fanny, Henriette responde: "Ela está morta!". Acreditando se tratar de uma brincadeira de mau gosto, Sra. Belon força a porta do quarto para reaver sua pequena filha. Cornier se precipita e arremessa a cabeça da criança pela janela. A mãe entra em choque e Henriette continua a repetir: "Ela está morta!". Interrogada, ainda com o corpo coberto de sangue, Henriette diz apaticamente que matou porque "C'est une idée qui m'a pris!" (Ocorreu-me uma ideia!).

Henriette era empregada doméstica que trabalhava para muitas famílias parisienses, foi obrigada a entregar seus próprios filhos à assistência social devido à condição de extrema pobreza que se abateu sobre sua casa após o término de um casamento, na qual fora abandonada com as crianças ainda pequenas. Antes de cometer o crime, ela atentou contra a própria vida várias vezes, manifestando desde então um quadro depressivo, uma tristeza profunda. O que torna esse caso emblemático à época, segundo Foucault, seria a necessidade de puni-lo sem que se manifestasse uma motivação criminosa na assassina.

Ora, a punição de Henriette demandou, então, o empenho duplo dos aparelhos judiciário e médico para construírem uma espécie de "racionalidade interna do crime" (FOUCAULT,

⁸ Sobre o caso de Henriette Cornier, maiores detalhes sobre o crime ver: (CAEDES, 2023; AHMED, 2022). Ou, ainda, Foucault, em *Os anormais* (2010, p. 95-96).

2010, p. 97). Isto é, para o crime ser punível, na ausência de motivos para o assassinato, tornava-se necessário produzir ao menos um embasamento científico que tornasse o ato de Henriette “inteligível e decifrável”, e que também pudesse “justificar as ações punitivas” para outros crimes que fossem semelhantes (FOUCAULT, 2010, p. 97).

Vemos, no decorrer do curso *Os anormais*, que o que se torna “interessante” neste crime, a partir das reformulações na economia penal no século XIX, é a sua inteligibilidade, é a causalidade que um saber específico (do psiquiatra, do legista, do médico, enfim, do especialista) pôde atribuir a Cornier. Nas palavras de Foucault: “a racionalidade do crime – entendida portanto como mecanismo decifrável dos interesses – é requisitada pela nova economia do poder punitivo” (FOUCAULT, 2010, p. 97).

Sendo assim, nos “crimes sem razão”, com todos os equívocos que possa comportar o uso do termo “sem razão”, Foucault ressalta com ênfase que o empenho da psiquiatria no decorrer do século XIX não foi de se fazer uma especificação da medicina geral, mas foi o de operar uma especialização de um saber comprometido com a higiene pública (FOUCAULT, 2010, p. 100). A psiquiatria se institucionaliza com fins de proteção social, “contra todos os perigos que a doença pode acarretar à sociedade” (FOUCAULT, 2010, p. 101). A psiquiatria vem, então, a interpretar crimes semelhantes ao de Cornier como casos atribuídos a alguma espécie de psicopatia ou a comportamentos de personalidades degeneradas. A psiquiatria passa, assim, a tornar classificáveis os distúrbios, os erros e as ilusões; faz análises e estabelece perfis criminosos, organiza sintomatologias, nosografias, observações e até mesmo arrisca prognósticos. E, principalmente, à psiquiatria é atribuído o poder de emitir laudos, embasando, com o seu discurso de verdade, a decisão da justiça.

Não é por acaso que, a partir da segunda metade do século XIX, na esteira do poder psiquiátrico, tivemos o aparecimento da noção de “degeneração” associada a determinados comportamentos, sobretudo, no que se refere aos desvios dos comportamentos sexuais. Configura-se, nessa época, uma preocupação especial voltada ao processo de degeneração da família, e obviamente a mulher, como mãe e esposa, é observada como objeto de estudo privilegiado e alvo especial de “cuidados”. É do corpo degenerado da mulher, indócil, insubmissa, desviante, que se compreendia advir a degeneração de toda a família. É diante de atitudes das mulheres “sem preparação”, “sem razão”, como no caso da histeria, que a psiquiatria logo afirma ser “capaz de reconhecê-los, quando se produzem, e no limite prevê-los, ou permitir prevê-los, reconhecendo a tempo a curiosa doença que consiste em cometê-los” (FOUCAULT, 2010, p. 103).

No caso de Cornier, remonta Foucault, diante de seu crime “sem razão”, “sem motivo” e “sem interesse”, seus acusadores, em apelo à psiquiatria, demandam um exame focando na sua condição de louca. Nem Esquirol, Adelon e nem Léveillé (FOUCAULT, 2010, p. 105), psiquiatras de renome consultados à época, encontram qualquer traço de loucura em sua personalidade. É, então, requisitado o diagnóstico de um outro psiquiatra, Marc, para saber o que se passou no caso de Henriette. Ele não faz qualquer tipo de exame, o seu discurso de verdade sobre Cornier apoia-se apenas em aspectos de suas atitudes pregressas, de seus hábitos, de seu modo de vida.

Constatado que Cornier não era louca, tampouco havia agido como uma criminosa, seu crime fica sem explicação, restando à psiquiatria encontrar na própria Cornier, ou seja, na criminosa, e não no crime, a justificativa para o seu assassinato. O que vem a contar nesse caso é o fato de Henriette ser uma mulher separada do marido, de se entregar à libertinagem, à depravação, ter abandonado seus dois filhos ainda pequenos etc. Todos esses aspectos da vida de Henriette são, então, elencados como os elementos preliminares e determinantes de um tipo de comportamento e personalidade que a levaram à decapitação da pequena Fanny.

Sendo assim, até os nossos dias, parece prevalecer o mesmo pano de fundo discursivo quando o que está em questão é forjar um quadro de inteligibilidade para o ato criminoso, sobretudo, para os assassinatos bárbaros praticados por mulheres contra membros da família, dizendo muito sobre como funciona a economia do poder punitivo. De modo similar, aqui no Brasil, pudemos presenciar a reconstrução da história de um crime de grande repercussão, irrompido de dentro de um “doce lar”, rico e confortável, de uma “tradicional” família. Foi o caso do crime de Elize Matsunaga que, em 2012, atirou no marido e depois resolveu esquartejá-lo. Sua filha estava no quarto ao lado, sendo inclusive acalentada várias vezes por Elize durante o desmembramento do cadáver.

Em 2021, o jornalista Ulisses Campbell escreveu o livro reportagem *Elize Matsunaga: a mulher que esquartejou o marido* e a plataforma de streaming Netflix lançou o documentário *Elize Matsunaga: era uma vez um crime*⁹. Tanto no livro quanto no documentário é possível termos acesso a trechos do julgamento de Elize Matsunaga e às falas daqueles que compuseram a acusação e a defesa da ré, bem como dos médicos e dos peritos. Na tentativa de dar sentido ao crime, de desvendar as “reais” motivações de Elize, os agentes do saber e da norma que participaram do processo (todos homens) passaram a traçar um perfil dela que pudesse “respaldar” sua potência assassina. Para isso, esses agentes se esforçaram para explicar a índole perigosa de Elize: ela seria uma pessoa extremamente fria e insensível, pois gostava de caçar animais indefesos. Elize também foi dada como gananciosa e manipuladora, pois, como prostituta, conseguira seduzir um cliente rico a se casar com ela.

A sentença de Elize foi lida no dia 5 de dezembro de 2016, pelo juiz Adilson Paukoski Simoni, classificando o crime como “brutal e hediondo”. Assim foi o veredito: “O veredito aponta prática revestida de cuidadosa premeditação, reveladora de uma personalidade fria e manipuladora e, portanto, extremamente perigosa” (CAMPBELL, 2021, p. 400).

Obviamente, além do esquartejamento de seu marido Marcos Matsunaga, depôs mais ainda contra Elize o fato de ela ter “habilidades” que a predisseram ao crime; fizera cursos de caça, sabia atirar e desmembrar animais, além de ter trabalhado como técnica de enfermagem em cirurgias. Tinha também investido em um trabalho como garota de programa, tornando-se uma esperta prostituta de luxo. Tudo isso levou a se construir uma imagem de Elize como moça ambiciosa, sem escrúpulo e narcisista, que envolvera um homem rico para se casar. Vemos aqui como uma racionalidade do crime passa a explicar, primeiro, o(a) criminoso(a) para, então, construir uma inteligibilidade sobre o crime, fundamentada em diferentes discursos de verdade. Em seu livro reportagem sobre Elize Matsunaga, Ulisses Campbell relata que:

Cinco psicólogas analisaram a mente de Elize em 2012, 2017 e 2018. Três profissionais concluíram que ela é psicopata. O diagnóstico decorre principalmente do seu comportamento glacial nos 17 dias decorridos entre matar e esquartejar o marido e confessar o crime. Outras duas psicólogas refutaram o diagnóstico de psicopatia. Em comum, as especialistas encontraram nela traços de narcisismo, imaturidade, autoestima baixa e estrutura psíquica infantil (CAMPBELL, 2021, p. 14).

No julgamento, desse modo, traços de sua personalidade e de sua vida pregressa acabaram tendo um peso acentuado em sua condenação. De outra perspectiva, vemos a história de uma mulher violentada recorrentemente no decorrer de sua vida: abandonada pelo pai, Elize foi estuprada pelo padrasto aos 14 anos de idade, sendo expulsa de casa pela mãe, que ficou do lado de seu companheiro quando soube do estupro que Elize havia sofrido. Ao sair de

⁹ Trata-se do documentário *Elize Matsunaga: Era uma vez um crime*, dirigido por Eliza Capai.

casa, com R\$50,00 emprestados pela madrinha, Elize, para sobreviver, começou a se prostituir na beira das estradas do sul do Brasil, vendendo seu corpo aos caminhoneiros por R\$30,00.

Em seu relato frente ao júri, Elize traz à tona um quadro de violência de alguma forma revivido: afirma ter sido inferiorizada, agredida, menosprezada, traída continuamente e ameaçada pelo seu marido. Assim, nem a violação sexual que sofreu na adolescência, a exploração de seu corpo adolescente nas boléias de caminhões, nem suas narrativas sobre as agressões do marido, as humilhações, a traição, o menosprezo, foram suficientemente consistentes para tornar seu crime “inteligível”. Foi preciso “adequar” sua atitude criminosa à luz do saber médico-legal para que traços de sua personalidade (narcisista, imatura, infantilizada) viesssem consubstanciar o caráter perigoso de sua personalidade, sua propensão criminosa, e atribuir-lhe com “justiça” a penalidade da lei.

O que, então, Cornier e Matsunaga teriam em comum? Não é a loucura, pelo menos não de acordo com o que disseram os médicos psiquiatras em ambos os casos. O que se identifica de comum entre elas, além de terem cometido atos brutais em um contexto familiar, é o diagnóstico forjado para atestar o atributo perigoso de suas personalidades e o caráter hediondo dos crimes cometidos, justificando, assim, a atribuição de uma penalidade.

No caso de Henriette, foi visto um corpo feminino que agiu por instinto, um corpo potencialmente degenerado, que foi capaz de entregar os próprios filhos à assistência social. Um corpo depravado que provocara seu próprio abandono – tudo isso corroborava com o fato de Henriette ser vista à época como uma mulher que não valia “nada de muito bom”, comenta Foucault sobre o caso, pois, nem sequer o marido tinha sido capaz de suportá-la dentro de casa (FOUCAULT, 2010, p. 106).

O crime de Elize, por sua vez, foi julgado com base em sua suposta psicopatia ou narcisismo. Ela foi retratada como uma mulher calculista, interesseira, e, além de tudo, depondo contra sua reputação, uma mulher que havia conservado as astúcias, a desonestade e as maliças para seduzir homens, um atributo preconceituosamente ligado ao *métier* da prostituição. Ora, tudo isso, tanto no caso de Henriette como de Elize, passa a revelar uma inteligibilidade do crime, diz sobre o caráter perigoso das suas personalidades criminosas e, principalmente, sobre a penalidade que a cada uma deveria ser atribuída.

Quando observamos os requintes de extrema violência e nos chocamos diante do radicalismo dos atos bárbaros praticados contra uma indefesa criança, em sua decapitação, ou contra o próprio marido, em seu esquartejamento, parece óbvio que tanto Henriette quanto Elize não conseguiram suportar algo que irrompeu violentamente de dentro de suas próprias relações (de poder) familiares, levando-as a não encontrar outra saída senão pela explosão de suas atitudes (resistências) reversas.

Ao nos questionarmos sobre a mobilização de diversos saberes a respeito da inteligibilidade de crimes como o de Henriette e o de Elize, na diferença de quase duzentos anos entre um crime e o outro, nas entrelinhas das leis indica-se operar ainda, sub-repticiamente, um jogo de verdade animado pelo dispositivo de sexualidade, um jogo de verdade que não deixa de também se articular por uma lógica patriarcal. Um jogo de verdade que continua sentenciando outras mulheres dentro e fora dos tribunais, violentando seus corpos dentro dos lares, corroborando com destinos que podem ser irreversivelmente marcados pelo acometimento de um ato irreparável contra si mesmas e contra seus familiares.

Compreendemos diante disso que das artimanhas mais perversas do dispositivo de sexualidade abordadas por Foucault, ainda implantadas nas estruturas elementares da família, esteja a precipitação da vida de muitas mulheres numa espécie de resistência reversa, no ponto em que elas sucumbem por serem lançadas à “infinita derrota”, como afirmara Foucault em sua pesquisa diante de uma longa história da sexualidade.

Considerações finais: a gota d'água e as marcas do dispositivo de sexualidade

Atualmente, encontram-se presas no complexo penitenciário de Tremembé, em São Paulo, na galeria II, onde Elize ficou encarcerada durante 7 anos em regime fechado, cerca de 1000 mulheres. Dessa significativa população carcerária feminina, a maioria delas matou com残酷dade algum parente próximo. Como Ulisses Campbell nos esclarece em sua biografia sobre Elize, de acordo com a Lei das Execuções Penais, quando o/a detento/a passa para o regime semiaberto é permitido que tenha breves saídas. No dia em que Elize saiu de Tremembé pela primeira vez (em 10 de outubro de 2019), após 7 anos de reclusão, houve uma comoção geral entre as detentas, uma emoção que foi decisiva para o biógrafo começar a reconstituir a história de uma mulher que chegou ao limite extremo de esquartejar o marido, perdendo a sua liberdade:

Ao passar pelo portão de chapas metálicas do presídio, às 8h23, ela foi aplaudida por colegas de cela e populares. A cena foi emocionante. Uma bandida gritou: "Vai, Elize! Vai cuidar da vida, que você merece!". A partir dessa salva de palmas, decidi esquadriñhar a vida da mulher que matou e esquartejou o marido (CAMPBELL, 2021, p. 12).

A salva de palmas das outras detentas, quando Elize pôde sair da reclusão depois de tanto tempo, talvez tenha muito a dizer sobre o espaço fechado e sufocante em que muitas mulheres sucumbem diante do peso da pena de terem praticado assassinatos brutais, principalmente os que se ligam aos próprios familiares. Nesse sentido, a feminista Angela Davis, em seu livro “Estarão as prisões obsoletas?”, destaca que, geralmente, acaba prevalecendo nas prisões femininas as artimanhas do dispositivo de sexualidade dadas na perpetuação de um regime doméstico e familiar, regime que não deixa de ser um prolongamento da “forma como os deveres das mulheres são encarados pelo patriarcado como algo normal, natural” (DAVIS, 2023, p. 77).

Muitas detentas passam, assim, a carregar, pelo resto da vida, o peso de atitudes irreparáveis, irreversíveis e condenáveis que cometeram. Carregam culpas e sofrimentos, são abandonadas pela maioria dos parentes, perdem amigas e amigos, são execradas. As atitudes que surgiram como “a gota d’água”, no limite do insuportável familiar, parecem denunciar, então, algo de inassimilável advindo de uma organização sexual e de uma vinculação afetiva familiar permeada por relações abusivas. Um panorama que deixa muitas mulheres com a impressão de não terem saída de um circuito ininterrupto de sofrimento.

A antropóloga feminista Gayle Rubin, já na década de 1970, – antes mesmo da publicação de “a vontade de saber” –, no texto *O tráfico de mulheres* (1975), afirma algo muito próximo ao que Foucault dissera sobre as armadilhas do dispositivo de sexualidade, ao passo que reconhece o impacto de um “sistema sexo-gênero” responsável por produzir assimetrias sociais, violências, operando-se disso uma economia e uma política obscurecidas (2017, p. 55). Por isso, na conferência *Pensando o sexo: Notas para uma teoria radical da política da sexualidade* (2017, p. 78), Rubin sublinha a importância do trabalho de Foucault, sobretudo, por ter destacado “os aspectos de uma organização social do sexo”.

Já Silvia Federici, filósofa italiana autora de *Calibã e a bruxa* (2004) e *O ponto zero da Revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista* (2012), em *Além da Pele* (2020), elabora um balanço de seu percurso de pesquisa direcionado, principalmente, aos sentidos do corpo e da política corporal no movimento feminista. Apesar de reiterar suas discordâncias com Foucault¹⁰ já pontuadas na ocasião de *Calibã e a bruxa*, ela não se furtava de dizer aí (talvez mais

¹⁰ Em linhas gerais, a crítica de Federici a Foucault se resume à sua tendência de observar apenas os “efeitos” do dispositivo nos

próxima de Foucault do que pudesse imaginar, só que por outros termos e sem utilizar da noção de dispositivo) da crise das mulheres a partir do século XIX, crise materializada no colapso diante das demandas familiares amplificadas e justificadas por uma espécie de divisão sexual e generificada das funções sociais. Sumariamente, Federici afirma o seguinte sobre os efeitos desse mecanismo – repetindo uma divisão social do trabalho – sobre o corpo feminino:

Há muitos relatos de mulheres que quase não tem tempo para si mesmas e vivem à beira de um colapso nervoso, constantemente preocupadas, constantemente apressadas, ansiosas ou culpadas, sobretudo por não terem tempo de ficar com as crianças, ou por terem problemas de saúde relacionados ao estresse, a começar pela depressão. Mesmo assim, a maioria das mulheres teve de reduzir a quantidade de trabalho doméstico que desempenha, o que significa que tarefas essenciais ficam sem atenção, já que nenhum serviço substitui o trabalho antes feito por elas (FEDERICI, 2023, p. 57).

Na esteira dos estudos foucaultianos sobre o dispositivo de sexualidade, alguns questionamentos nos ligam irremediavelmente às lutas feministas: é necessário saber até que ponto o dispositivo de sexualidade, sob quais prazeres e faixas-etárias, desejos e hábitos, precipitaria os corpos das mulheres, seus múltiplos e diferentes corpos, ao colapso e ruína. Ou, ainda, em que medida muitas mulheres, na dissidência de seus modos de existir, são ainda atravessadas por sentenças devastadoras, tratamentos e relações de violência sexual? Quantas mulheres só são reconhecidas e respeitadas ao passo em que se adequam às funções de serem boas mães, esposas, cuidadoras dos outros, da casa, empreendedoras, bonitas, cisgêneros, heterossexuais, magras, brancas, desejáveis, dando-se como uma das peças mais usadas e gastas das artimanhas biopolíticas?

São tais questões que apontam as violências e apagamentos de um dispositivo, historicamente constituído pelos nossos lugares de sujeitos generificados. São esses lugares fincados no gênero que necessitamos continuamente tensionar. Nesse sentido, formular e presentificar tais questionamentos nas considerações finais deste artigo tem o sentido de tornar inoperantes e obsoletas as estratégias que pretendem imobilizar, apagar ou excluir a vida de muitas mulheres, concedendo-lhes socialmente suas marcas “em negativo”, marcas dadas por uma espécie de dispositivo sexual de exclusão que as opõem binariamente ao (um) referencial de uma ordem patriarcal, que, por conseguinte, corresponde à lei, à ordem, à legitimidade de escrever e de falar, à seriedade, à competência, à confiança, à honestidade, etc.

Compreendemos, então, ser necessário tornar evidentes as estratégias dos discursos da sexualidade que por vezes as aprisionam no “não lugar” dos lugares, no “não discurso” da linguagem, na “não escrita” dos livros e textos publicados, no “não prazer” das relações afetivas, no “não saber” das formulações teóricas e filosóficas, na “não competência” das atividades profissionais etc. Apontar o caráter arbitrário, reacionário, machista, racista, sexista dessas marcas discursivas “em negativo”, não deixa de ser um alerta sobre a força destrutiva da resistência reversa que pode ser provocada pela violência silenciada e engolida no dia a dia da vida de muitas mulheres. Afinal, nunca se sabe o quanto pesa a gota d’água vertida reiteradamente de um ambiente insuportável familiar. Tal como canta a personagem Joana enfrentando Jasão na peça *Gota d’água* – “E qualquer desatenção – faça não!! Pode ser a gota d’água”. A gota d’água daquilo que muitas existências já não suportam mais.

corpos das mulheres, sem se ocupar das causas (a organização do trabalho capitalista que incide sobre os corpos, das hierarquias raciais, sexuais e geracionais do capitalismo) (FEDERICI, 2023, p. 21-23). Ver também Federici (2017, p. 31-38).

Referências

- AHMED, A. On the medicalisation of the mind. In: *Engelsberg Ideas*, 7 jan. 2022. Disponível em: <https://engelsbergideas.com/notebook/on-the-medicalisation-of-the-mind/>. Acesso em: 10 jan. 2025.
- BUARQUE, C; PONTES, P. *Gota d'água*. São Paulo: Círculo do Livro, 1975.
- CAEDES. *Henriette Cornier, 1825 – Un bébé en deux morceaux*. 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zvlf2CGa-j0>. Acesso em: 10 jan. 2025.
- CAMPBELL, U. *Elize Matsunaga: a mulher que esquartejou o marido*. São Paulo: Matrix, 2021.
- CNN BRASIL. Público coloca Elize Matsunaga como “vítima” do contexto em que estava inserida, diz Ulisses Campbell. 2024. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/publico-coloca-elize-matsunaga-como-vitima-do-contexto-em-que-estava-inserida-diz-ulisses-campbell/>. Acesso em: 12 jan. 2025.
- DAVIS, A. *Estarão as prisões obsoletas*. Rio de Janeiro: Difel, 2023.
- DONZELOT, J. *La policía de las familias*. Família, sociedad y poder. Epílogo de Gilles Deleuze. Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión, 2008.
- ERIBON, D. *Michel Foucault (1926-1884)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- FEDERICI, S. *Além da pele: repensar, refazer e reivindicar o corpo no capitalismo contemporâneo*. São Paulo: Elefante, 2023.
- FEDERICI, S. *Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva*. São Paulo: elefante, 2017.
- FOUCAULT, M. Ética, Sexualidade, Política. Tradução de Elisa Monteiro e Inês Autran Dourado. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006c, v. 5. (Ditos e escritos, v. 5).
- FOUCAULT, M. *História da sexualidade I: A vontade de saber*. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2010.
- FOUCAULT, M. *Os anormais*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2013.
- FOUCAULT, M. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Tradução de Raquel Ramalhete. 35. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.
- LOMBROSO, C; FERRERO, G. *A mulher delinquente: a prostituta e a mulher normal*. Curitiba: Editora Antonio Fontoura, 2017.
- O GLOBO. *Elize Matsunaga: O crime e o castigo da mulher que matou e esquartejou o marido*. 2023. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/blogs/blog-do-acervo/post/2023/02/elize-matsunaga-o-crime-e-o-castigo-da-mulher-que-matou-e-esquartejou-o-marido.ghtml>. Acesso em: 12 jan. 25.
- PONTES, J. C.; SILVA, C. G. Cisnormatividade e passabilidade: deslocamentos e diferenças nas narrativas de pessoas trans. *Revista Periódicus*, Salvador, v. 1, n. 8, p. 396-417, 2018.
- RAGO, M. *Os prazeres da noite*. Prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

RIBEIRO, B. *Elize Matsunaga: assassina ou vítima de relação abusiva?* 2024. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FqnqrqFtqTFQ>. Acesso em: 12 jan. 2025.

RUBIN, G. *Políticas do sexo*. São Paulo: Ubu, 2017.

SFORZINI, A. *Michel Foucault: um pensar do corpo*. São Paulo: Editora Unesp, 2023.

TEMPLE, G. C. Quem pode ser feliz na Biopolítica?. In: COLLARES, R. L.; BRAGA, J.O; PAIVA, V. R.; COSTA, C. F. T. *Vidas Vulneráveis: entre os espaços de dentro e os espaços de fora*. Juazeiro do Norte: UFCA, 2024.

TOMAZ, K.; MATEUS, V.; BERLINK, F.; OLIVEIRA, M. *10 anos após matar marido, Elize revela manuscrito de livro em que pretende contar à filha sua vida e porque matou Matsunaga*. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2022/05/19/apos-10-anos-elize-matsunaga-escreve-piquenique-no-inferno-para-contar-a-filha-sua-vida-e-como-matou-marido-para-se-protecter.ghtml>. Acesso em: 12 jan. 2025.

Sobre as autoras

Giovana Carmo Temple

Professora de Filosofia da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia/UFRB. Membra permanente do Programa de Pós-Graduação PROF-FILO (Núcleo da UFRB). Coordenadora do Grupo de Pesquisa Subjetividade no Pensamento Contemporâneo (CNPq) e do Grupo de Estudos Interinstitucional Michel Foucault e do Grupo de Estudo (des)cuidado de si.

Regiane Lorenzetti Collares

Professora de Filosofia da Universidade Federal do Cariri (UFCA). Membra permanente do Programa de Pós-Graduação em Filosofia (PPGFIL-UFC) e PROF-FILO (UFCA). Líder do grupo de pesquisa Cartografias da Subjetividade (CNPq) e coordenadora do Projeto de Pesquisa “Modos de Subjetivação e biopolítica: vidas em situação de vulnerabilidade”, financiado pela FUNCAP-CE.

Recebido em: 20/06/2025
Aprovado em: 2/07/2025

Received in: 06/20/2025
Approved in: 07/2/2025